

## Entrevista com Emir Sader

**Entrevistado por**

Maria Ivonete Soares Coelho – UFRN/UERN  
Simone Cabral Marinho dos Santos – UFRN/UERN  
Dalcy da Silva Cruz – UFRN  
João Bosco Araújo da Costa – UFRN

**Transcrito por**

Maria Ivonete Soares Coelho – UFRN/UERN  
Kelly Cristina Silva de Brito – UFRN

Emir Sader é Professor aposentado da Universidade de São Paulo – USP (SP/Brasil); Graduado em Filosofia (USP); Mestre e Doutor em Ciências Políticas (USP); Coordenador do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO).

Esta entrevista foi realizada no dia 17 de setembro de 2009, no Hotel Quality, em Natal/RN.

**Como pensador Marxista engajado, o senhor vem à Natal/RN a convite dos sindicatos, dos movimentos sociais, para proferir palestra neste dia 17 de setembro de 2009, intitulada “A importância estratégica do pré-sal e o ataque ideológico a Petrobras”, atividade do movimento em defesa da Petrobras. Qual a importância deste tema na atualidade e do movimento ao qual ele está vinculado?**

**E. S.:** Eu acho que primeiro o que está no centro dos debates no Brasil é o papel do Estado. Então, é o Estado que deu certo, inquestionavelmente a Petrobras. Na crise dos anos 70, crise do petróleo, foi à capacidade que a Petrobras desenvolveu de pesquisar petróleo em águas profundas é que fez o Brasil dar essa volta na questão energética. Então, é o Estado que e um tema central aplicado à questão energética. E depois o pré-sal coloca mais questões, não só a projeção do Brasil no mercado petrolífero mundial, mas os recursos que permitem o Brasil superar a crise fiscal que existe e é uma crise real. Uma crise que o Estado assume responsabilidades e depois ele tem menos recursos para poder atender a elas. Qualquer

candidato de direita que saia dizendo “eu vou baixar os impostos”, sai na frente nas pesquisas. O negócio é baixar impostos. Não interessa se estou me desolidarizando de quem. Mas o Estado tendo esses recursos possui uma malha de transformação social extraordinária. O Brasil continua a ser o país mais desigual do continente mais desigual do mundo. Pela primeira vez melhorou. O contexto de desigualdades melhorou. É significativo isto. Em ditadura, em democracia, em expansão e ascensão, nunca melhoraram. Agora melhorou um pouco, mais isso pode significar uma melhoria muito grande. Então, o que esta se disputando ano que vem também é quem vai manipular o pré-sal, quem vai utilizar os recursos do pré-sal. Quero ver o que eles vão dizer em campanha eleitoral ou não vão dizer nada. Mas acho que também está em jogo: o papel do Estado, a política energética, portanto o Brasil também em escala mundial na política energética, e a questão dos recursos para as políticas sociais.

**Como pensador Marxista, quais os grandes temas, os temas fortes, para pensar a conjuntura da América Latina e do Brasil?**

**E. S.:** Como construir um modelo superador do neoliberalismo. Se está vivendo uma instabilidade, latino-americana porque é um mundo velho que está esgotado e um mundo novo que tem dificuldades de surgir. Então, o mundo velho é o modelo neoliberal que se esgotou. As três economias mais importantes da América Latina entraram em crises graves, neoliberais: México em 1994, Brasil em 1999, Argentina em 2000 e 2002. Ai, começaram a surgir governos que procuram alternativas. Esse é o nosso tema: pós-neoliberalismo, como é que se constrói um modelo. O que o neoliberalismo fez? Mercantilizou tudo que podia. Tudo se transforma em mercadoria. O que é preciso fazer? Retirar coisa da esfera mercantil e levar para a esfera pública. A polarização fundamental não é entre estatal e privada. É entre a esfera mercantil e a esfera pública. Esfera pública é a esfera dos direitos, esfera das políticas sociais, esfera da cidadania. Então, democratizar a sociedade é desmercantilizar a sociedade, é tornar gratuito, universais, como direitos, aquilo que foi colocado como mercadoria.

**O tema esquerda/direita é recorrente em sua obra. Esse é um tema atual? Como o senhor configuraria direita e esquerda no Brasil neste início de século XXI?**

**E. S.:** Eu acho que é quem é a favor da mercantilização e quem é a favor dos direitos. Quem é a favor da esfera do mercado e quem é a favor da esfera pública. Este é o tema mais importante, depois se desdobra em outras coisas também. Mas acho que a linha divisória fundamental é esta. Um reflete o modelo mercantilizador, neoliberal. Outro segue um modelo pós-neoliberal, que eu espero que seja um modelo

fundado na esfera pública. O Estado em si mesmo não é um pólo, ele é um espaço de disputas entre interesses mercantis e interesses públicos. Predomina os interesses mercantis. Por isso tem uma tributação, onde os grandes bancos não pagam impostos, as grandes empresas não pagam impostos [...] Os impostos são muito mais indiretos do que diretos. É uma tributação injusta e além do mais o que se recolhe se repassa em grande parte, ao capital financeiro através do superávit fiscal, através de pagamento dos juros da dívida. Então, é o Estado que está contribuindo na verdade para aumentar a desigualdade entre mercado e poder. Precisamos então, de um Estado que se oponha a isso, um Estado na esfera pública porque desmercantiliza o Estado. Não pode ter Banco Central independente. A questão da moeda não é uma questão monetária. A moeda mede o valor das coisas, mede o valor do trabalho, mede o valor dos bens. Então é uma questão fundamental. O Lula mesmo dizia antes de ganhar: “Cada vez que aumentar os juros, sendo um por cento de juros, os caras tem que saber o que ele causou de danos”. Acho o mesmo, financeirizou a economia. No governo Fernando Henrique era o capital financeiro, passou a ser o capital fundamental, o capital industrial, então eu acho que tem coisas que um Banco Central independente é uma expressão institucional da hegemonia do capital financeiro e da mercantilização dentro do Estado.

**Qual a tese de seu novo livro “A nova toupeira: caminhos da esquerda latino-americana”, editado pela editora Boitempo? Quais os caminhos que são apontados para o Brasil e a América Latina?**

**E. S.:** Primeiro eu quero mencionar um livro muito mais importante, que eu coordenei, se chama “Latinoamericana – Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe”. A imprensa desconheceu, depois por desconhecer, falou mal. A matéria na *Veja* sobre a enciclopédia chamava: “O Bestialógico Latino Americano”. Era uma fotografia de macaquinhos escrevendo em um computador. Não sei e vocês viram a enciclopédia. Uma obra de mil e quatrocentas páginas. Centenas de pessoas escreveram. Foi eleito primeiro, o melhor livro de ciências humanas do ano, depois, o melhor livro de não ficção do ano, pela Câmara Brasileira do Livro. Agora totalmente desconhecido. Agora saiu em espanhol. Mil e quatrocentas páginas, dos últimos cinquenta anos da América Latina. Todos os países grandes, pequenos, médios. Temas fundamentais: energia, gastronomia, esporte, pensadores, políticos, acontecimentos. Mil e quatrocentas páginas financiadas só com Lei Rouanet, só com empresas estatais. Contudo, não se menciona. Eu acho que é uma obra de orgulho.

O outro, é o que fala sobre a América latina hoje. Porque a América Latina deixou de ser o paraíso neoliberal para ser o principal continente alternativo ao neoliberalismo. Justamente por que ela viveu, está vivendo, uma ressaca porque foi o continente onde mais se aplicou neoliberalismo, da maneira mais radical comparado a qualquer país do mundo. Está vivendo justamente a reação com relação a isso. E o

que significa isso? Significa uma nova estratégia. Na América Latina, houve a estratégia das reformas, o máximo foi o governo Allende do Chile que se esgotou. Houve a estratégia da guerrilha, que teve vitórias, mas que se esgotou por que a relação de forças militares não possibilita hoje uma vitória insurrecional. Foi a Colômbia, foi um caso trágico. A estratégia atual é uma estratégia que combina, na Bolívia e no Equador houve luta de sublevação, para se impedir a privatização do gás e do petróleo, se desembocou em vitória eleitoral. Mais não se parou aí. Se refunda o Estado. Então combina luta de sublevação popular com via eleitoral e com refundação do Estado. É uma estratégia nova. A América Latina é uma espécie de nova toupeira. Se você pega os últimos cinquenta anos da revolução cubana, grandes vitórias e grandes derrotas e a capacidade de recuperação, de criatividade popular, democrática, revolucionária extraordinária.

**Um dos pontos de partida de suas reflexões em seu novo livro são as eleições presidenciais de governos de esquerda. Porque o ponto de partida das eleições presidenciais?**

**E. S.:** Não é um ponto de partida. É um ponto de chegada transitório. Quer dizer, todas as forças, movimentos sociais, que ficaram na ideia da autonomia dos movimentos sociais não retomaram a disputa hegemônica e a disputa política, ficaram para trás. Temos na Argentina, desapareceram. Se derrubou três presidentes argentinos um atrás do outro em uma semana; veio as eleições que trouxeram os movimentos sociais, dizeres “que se varram todos”. Não se vão mesmo. Se você não derrubar não vão. E no primeiro turno, ganhou o Menem e falou que “vamos moralizar esse troço”. Veio o Kirchner, e ganhou o Kirchner. Eles se ausentaram da disputa política, da disputa hegemônica, e hoje eles desapareceram. Os zapatistas estão refluídos em um movimento de resistência no sul. Os movimentos sociais Bolivianos se uniram e fundaram um partido, o M.A.S. Disputaram a hegemonia e elegeram um índio Presidente da República. Então, eu acho que as eleições são um momento importante, para a disputa hoje em dia, a via pela qual se passa, mas não se deve deter aí, por que não se transforma profundamente a sociedade brasileira com este estado de país, de repente pela inércia, pela revolução das relações existentes. A eleição é importante por que muda a guarda do governo, mas que seja um instrumento, não um fim em si mesmo, para poder transformar profundamente o país. O ano que vem vai se mostrar se o governo Lula é um parêntese, voltam os governos oligárquicos de direita, ou se é uma via contraditória de saída de governo, que pode ser o governo da Dilma.

**Como o senhor avalia o comportamento dos grupos de extrema esquerda, PSTU, PSOL, no país? O comportamento durante o governo e o papel destes nas eleições do próximo ano?**

**E. S.:** Bom, eu acho que eles fizeram uma aposta errada. Eles acharam que, com eles têm uma visão moral, o Lula traiu, mordeu a maçã, cometeu o pecado, passou para o outro lado, agora vai ser cada vez pior. Eles se equivocaram. O governo Lula melhorou. Melhorou concretamente com a saída do Palloci, com a entrada da Dilma, com respeito a nosso querido Jose Dirceu, também por que ela peitou um Palloci já enfraquecido, mas peitou. E outra coisa, que eles associaram duas coisas, as duas são ruins. Primeiro, um sectarismo, quem saiu primeiro, foi “vou sair”, foi todo um trotskismo [...] argentino, que é pessimista em relação a esquerda existente e a direita. Sempre disseram. A primeira eleição do Rio Grande do Sul era contra o Raul Point, sempre disseram, essa era velha direita contra nova direita, já claramente [...] enquanto tiveram um erro de sectarismo e de oportunismo, se aliaram com a direita contra o PT. Só tem duas posições na esquerda brasileira hoje, o resto e posição intelectual: ou considerar que o Lula é o melhor administrador do neoliberalismo, porque mantém o modelo e ainda ganha apoio popular, então tem que destruir esse é o inimigo fundamental, quem achar isso joga contra o PT, me alio até com Roberto Marinho; ou você acha que o governo é contraditório, tem uma ala esquerda e uma ala de direita, um setor conservador e um setor progressista, que é um governo transitório. Então eu acho que é uma posição que a gente tende a ter. Então, lutando contra esses três elementos que eu falei, participa de um governo mais coerente. Então eu acho que é isso, eles fracassaram. Estão reduzidos a nada. E agora com a Marina então, está acabado. Por agora se tem um votinho da Heloisa Helena que não era um voto de extrema esquerda, era um voto alternativo, pegou o PT em um momento de fraqueza do PT também. Agora eles são sectários a ponto de não apoiar a Marina. Não vão apoiar porque vão achar que ela não é mais de esquerda. Se fossem inteligentes apoiariam [...]. Quando apareceu o candidato alternativo light, boboca, Soninha em São Paulo, Gabeira no Rio, Ivan Valente e Chico Alencar não tiveram nem 1% dos votos, menos que tiveram quando foram candidatos a parlamentar. Então tem um voto deles que não é PSOL, aquele votinho de esquerda, alternativo, aquele votinho meio ecológico, aquele votinho que agora a Marina vai levar, como a Soninha levou, como o Gabeira levou. [...] O que sobrou foi aquela bancada sectária, estreita. Vão enfraquecer a bancada parlamentar. É uma pena, uma pena que sobra um partido à esquerda do PT, aliado do PT, crítico e aliado fundamental, mas eles sempre foram terceristas [...], para chegar ao segundo turno não votaram em ninguém porque colocar alguém, tanto faz Alckimin ou Lula [...]

**Uma preocupação muito pessoal como nordestina. Os nordestinos conhecem muito pouco a América Latina. O que poderíamos fazer, neste momento que a América Latina está ressurgindo como uma alternativa ao neoliberalismo, para levar esta discussão para sala de aula, nas graduações e pós graduações?**

**E. S.:** O Brasil se defendeu melhor da crise por quê? Porque diversificou o mercado internacional. Os Estados Unidos é o segundo parceiro, não é mais o primeiro. Segundo lugar, por que aumentou o intercambio dentro da América Latina com a Venezuela e com a Argentina, em particular. E terceiro, por que aumentou o mercado interno de consumo popular. Isso é o que caracteriza os governos progressistas, todos da América Latina. A linha divisória da América Latina não é mais de esquerda e de direita, esquerda boa e esquerda ruim. Isso é o que a direita fala para dividir a esquerda, quer jogar o Lula contra o Hugo Chaves. Nós estamos no bloco que estar contra a política do livre comércio. A gente tem que explicar que a força que tem o Brasil é porque é uma força latino americana. Nós somos o único continente que tem um processo de integração latinoamericano relativamente autônomo em relação aos Estados Unidos. O México assinou o tratado do livre comércio, noventa por cento do comercio exterior do México é com os Estados Unidos, imagine o tamanho da crise. Agora, o Brasil pode não assinar por que tem um bloco. Essa solidariedade permite aos países não assinarem. Se era cada um por si. Quando tinha dívida, era cada um por si negociando sozinho. [...] A força latino americana que possibilita ter essa política que agente tem [...] peso interno de mercado de massa, intercambio internacional. Eu acho que se tem que chamar um pouco por ai. Agora, se pudesse falar do que é a Bolívia, todas essas bobagens que se fala, tanta coisa mais importante para se falar sobre isso. Na Venezuela a jornada de trabalho baixa para seis horas, mesmo se for no ano passado imagina se algum jornal fala uma coisa dessas. Venezuela acabou com o analfabetismo não porque o Hugo Chavez disse, mas por que a UNESCO falou. A Bolívia, o segundo país mais pobre da América Latina acabou com o analfabetismo pela solidariedade, solidariedade cubana. Isso tem que falar. O Brasil não acabou.

**Neste contexto de América Latina e Brasil, qual seria o papel das Universidades Públicas e dos intelectuais?**

**E. S.:** Bom, nossa intelectualidade está meio em refluxo. Historicamente os intelectuais sempre acompanharam os processos políticos, históricos, contribuindo. Eu acho que uma parte foi cooptada pelo neoliberalismo, uma parte ficou dentro da universidade na divisão técnica do trabalho, trabalho especializado. São de esquerda, mas sem maiores transcendências. A gente vai na ANPOCS os trabalhos são

muito interessantes, mas os grandes temas, o processo de acumulação, o trabalho no Brasil, o modelo hegemônico, esses temas não estão lá. E uma parte foi levada para a ultraesquerda, que é a atitude natural, espontânea do intelectual. O intelectual que não tem prática política olha a teoria uma maravilha, olha a prática uma porcaria. Fica com a teoria. Tudo o resto é traição, é isso, é aquilo, aquela visão, que não percebe o processo histórico como ele realmente se dá. [...] O drama é teoria sem dimensão política e prática política sem reflexão teórica. Isso vem lá de trás. Os grandes dirigentes marxistas eram intelectuais e dirigentes revolucionários. Marx, Engels, Lenin, Rosa de Luxemburgo, Trotsky, Gramsci, eram todos. Depois, os partidos se fecharam por causa do Stalinismo e burocratização, se fecharam à reflexão teórica. A intelectualidade foi se refugiar na Universidade, então a reflexão teórica não tem fertilidade política, é uma prática política que tende a ser pragmática, oportunista, parlamentarista. Então essa coisa é um problema sério dos dois lados, o empobrecimento e reflexão estratégica da prática política que vem se tornando pragmática. O Lula é o exemplo disso. O Lula é um cara que avança pela lei de menor resistência. Política social, para um cara na frente dele, ele recua. Chega imprensa privada, não dá outra. E a gente não reflete para ele, teoricamente. Intelectualidade também nunca ganhou prestígio. Ele era originalmente anti intelectual e o PT não criou sua própria intelectualidade, o primeiro partido importante na esquerda mundial que não gerou sua intelectualidade, sua reflexão, sua elaboração. Tem todo um pragmatismo, muito rasteiro relativamente. Então eu acho que faz falta. Na Universidade, na Bolívia, tem um grupo chamado *Comuna* onde está o Álvaro García Linera, que tem o melhor intelectual latino-americano, o vice-presidente da República. O melhor intelectual latino americano é o vice-presidente da Bolívia. Um cara que esteve na luta armada, passou quatro anos na prisão, saiu, fez trabalho universitário, trabalho político e é o intelectual mais importante. No Equador, o Rafael Correa é um professor universitário. É essa articulação que a gente não tem. Eu acho que a Dilma tem um perfil mais intelectual que o Lula, mesmo assim não é uma intelectual exatamente. Mais também a intelectualidade é muito manipulada pela direita, os espaços que dão, veja agora essa suposta censura ao Estado de São Paulo. Quantidade de picaretas que vão escrever lá no Estadão. O Eugênio Bucci, que é colunista do Estadão, para se limpar por que teve no governo e tal, se prestam também à disputa midiática, disputar espaço com intelectualidade midiática. Ai, é vulgarização, é concessão a ideologia dominante. A intelectualidade latino-americana, na sua maioria, é uma intelectualidade que está atrasada em relação ao processo político existente. Na Venezuela o grande intelectual é o Hugo Chavez. Toda a universidade está à direita dele. Ele é quem lê a Rosa Luxemburgo, o Trotsky, dá ideia. Trágico no tema reflexão, que na Bolívia tem. No Equador tem muito mais elaboração teórica.

**Nos fale do papel do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO), um pouco de sua experiência e qual a mensagem que deixaria para os docente e discentes de graduação e pós graduação nas ciências sociais.**

**E. S.:** CLACSO é uma rede publica que tem grupos de pesquisas, muitos grupos de pesquisa, todos multidisciplinares, com vários países da América Latina, pelo menos sete países em cada grupo, com concursos de bolsas. CLACSO tem uma biblioteca virtual grátis e integral com mais de cem mil textos. Mensalmente um milhão de textos são impressos na biblioteca. Não é que entrem, o pessoal é que vai procurar, por que a distribuição de livros é muito ruim. Então, é um serviço publico importante. De centros, tem uns trinta e tantos no Brasil. Eu acho que é muito útil para os estudantes em geral. Não tem outra coisa parecida assim latino-americana, pensamento critico, publicações muito importantes. Entrem na página que vocês vão ver isso. Agora intelectualmente nos chegáramos a um limite, tudo que se podia crescer no antineoliberalismo quase que espontaneamente se fez. Agora vão se dar os obstáculos, a direita volta a retomar as iniciativas, tai Honduras, tai a derrota eleitoral na Argentina, coisas deste tipo. Agora as estratégias têm que ser bem mais complexas, porque não é apenas resistir. Neoliberalismo deixou de lado integração latino-americana e políticas sociais. Foi por aí que a gente avançou, impreterivelmente avançou, só que não esta certo, tem de haver uma estratégia, que tipo de Estado agente precisa, construção da moeda única, o Banco do Sul. CLACSO reflete sobre isso também. A política contribui para essas coisas. CLACSO não é CLACSO, é uma rede das principais Universidades, estão ai para mobilizar muito mais a intelectualidade em função dessas coisas.